SEMINÁRIO

SOCIALISMO, GUERRA FRIA E A AMERICA LATINA

*Marco Antônio Villa - Prof. Deptº de história
da Univ. Federal de Ouro Preto*

**Se o poder autocrático, a violência organizada e o egoísmo cego pudessem conter a evolução das sociedades humanas, a humanidade não teria tido história.
(Florestan Fernandes)**

Nos anos oitenta dois grandes processos tiveram enorme influencia na luta política na América Latina: a crise do socialismo real na Europa Oriental e a reestruturação capitalista envolvendo os Estados Unidos, o Japão e a Europa Ocidental.

A crise dos governos burocráticos do leste europeu intensificou-se no início da década oitenta com os acontecimentos da Polônia, principalmente devido a criação da Solidariedade que irá influenciar os movimentos oposicionistas nas "democracias populares". Até então os grupos de oposição não tinham se transformado em organizações de massa, restringindo a sua área de influência fundamentalmente aos intelectuais.

Paradoxalmente, a União Soviética, que sempre reprimiu os movimentos oposicionistas que surgiram na Europa Oriental, chegando a intervir militarmente na Alemanha Oriental, Hungria Tchecoslováquia, irá incentivar os movimentos que derrubaram os burocratas do poder. Provavelmente, a radicalidade destes movimentos não foi devidamente avaliada pelo governo soviético, mas a necessidade de fortalecer a "perestroika" contra os seus inimigos internos, obrigou Gorbatchev a jogar esta arriscada cartada. Em outras palavras, o afastamento das lideranças ortodoxas na Europa Oriental passou a se constituir uma das condições indispensáveis para a manutenção "perestroika" na União Soviética.

A reestruturação capitalista também não é um fato novo, mas no decorrer dos anos oitenta foi se desenhando o novo mapa político mundial, onde os derrotados da II Guerra Mundial surgem como os vencedores da nova ordem econômica mundial. A unificação alemã é o clímax deste processo em que os acordos de Yalta, o conflito leste-oeste, o confronto entre os "campos" capitalista e

comunista, as indústrias do anticomunismo e da glorificação do "sorex" não passam de peças no museu dos horrores da humanidade.

A guerra fria terminou, mas o "fim de Yalta es tambien el de Rio de Janeiro; la caída Del de Berlin arrastra consigo a la Doctrina de Seguridad Nacional como justificación ideológica já represión; la crisis terminal de los Partidos Comunistas es también la del anticomunismo como ideología de Estado; y el desvanecimiento del Imperio del mal disuelve en aire la materialidad de su antagonista, el 'mundo libre'".

A indústria do anticomunismo foi substituída pela ofensiva ideológica neoliberal que apresenta como solução aos seculares problemas latino-americanos a reconversão do Estado, com a privatização das empresas estatais, a diminuição dos gastos sociais e o reinado absoluto do mercado, e representa o caminho para um mundo feliz, onde as contradições, inerentes ao capitalismo, são controláveis: e o fim da História.

O projeto neoliberal tem o encanto da simplicidade e seduz pela facilidade com que apresenta o caminho para o desenvolvimento, que deixa de ser um problema político para se transformar em um problema econômico. A complexidade da teoria Keynesiana, dos projetos cepalinos ou da planificação econômica e substituída pela livre circulação das mercadorias sem nenhuma interferência estatal como remédio infalível para o desenvolvimento.

Esta ofensiva neoliberal apresenta-se como uma revolução, quando não passa de uma tentativa de repetição do passado, um retorno ao Estado liberal clássico e as relações internacionais do colonialismo imperialista dos séculos XIX-XX. As alternativas históricas de libertação das classes trabalhadoras da opressão capitalista são consideradas ultrapassadas, arcaicas, defasadas do momento histórico, como se o pensamento socialista fosse contemporâneo do Australopiteco.

A palavra mágica para retirar a nuestra América do subdesenvolvimento e modernidade. Do Rio Grande a Terra do Fogo o discurso das elites nunca foi tão igual (ao menos no discurso já transformamos em realidade o sonho bolivariano). A discussão acerca do intercâmbio desigual, o dialogo Norte-Sul (lembram-se?), o imperialismo estão "fora de moda", representam o passado, um certo rancor latino-americano acrescido de um sentimento de inferioridade, mesmo quando entre os anos 1982 e 1990 a transferência líquida de capitais da América Latina para o Primeiro Mundo foi de US\$222,7 bilhões, a renda per capita na região em dez anos caiu de US\$2,320 para US\$2,090 e o Produto Interno Bruto caiu 9,6% per capita².

Mas estes indicadores econômicos e sociais não estão em primeiro plano para os defensores do projeto neoliberal, os alvos são o nacionalismo econômico e as empresas estatais, e o México surge como o exemplo a ser seguido. Ironicamente, o México, que sempre foi a ovelha negra da diplomacia norte-americana, hoje é a "menina dos olhos" da administração republicana pela aplicação de uma política econômica que rompe com uma tradição de cinquenta anos e pelo pagamento pontual dos juros e amortizações da dívida externa. Também a imprensa brasileira, que tanto temia a "mexicanização" do Brasil quando a ARENA e, posteriormente, o PMDB dominavam a cena política, hoje aponta o México como o caminho a ser seguido pelo nosso país³.

Recentemente, em entrevista a revista Isto E, o "brazilianista" Rioran Roett, um defensor da "modernidade", sintetizou com muita clareza o que considera moderno e o que é atrasado: "Tanto o Lula, no Brasil, quanto o Cuahatemoc Cárdenas, no México, usaram uma retórica do passado em suas campanhas e os dois foram derrotados, com margens relativamente pequenas. Os dois queriam fechar a economia e manter um espaço grande para as estatais. Mas acho que o público percebeu que o modelo que eles propunham não funciona. O resultado é que o Lula está saindo da política e o Cardenas não tem grande futuro político. O Lula e o Cardenas são homens sinceros e honestos, mas seus programas estão orientados para o passado. Por sua vez o Menem, que ganhou a eleição usando

a retórica do passado, percebeu que executar o programa peronista de governo era receita certa par, enterrar definitivamente a Argentina. Acho que a linguagem de Collor e a de Salinas de Gortari representam melhor os ventos do futuro".⁴

A nova divisão do poder mundial deve restringir a influencia dos Estados a América Latina ficando a Europa Oriental sob a hegemonia da Comunidade Económica Européia e o Pacífico dominado pelos japoneses. Assim, não é acidental a proposta do Presidente George Bush de constituição de um mercado unificado das Américas até o final do século e "o primeiro passo nesse processo é um acordo de liberdade comercial com o México".⁵ Diz o Presidente Bush: "Hoje, os laços' de nossa herança comum estão fortalecidos pelo amor a liberdade e um desejo comum de democracia. Nosso desafio - o desafio nessa nova era das Américas - é assegurar esse sonho partilhado e todos os seus frutos para todo o povo das Américas, Norte, Central e Sul".⁶

A iniciativa americana foi muito bem recebida pela imprensa brasileira. Um conhecido jornalista afirma que "Bush quer comércio com a América Latina. Se nos abirmos ao capitalismo) diversificador e competitivo enriqueceremos. Caso contrário continuaremos como estamos, à margem da história".⁷

Assim como o governo americano tenta redefinir suas relações económicas com a América Latina, também o fim do conflito leste-oeste, que representa uma importante contribuição para a paz mundial, significa o restabelecimento da Doutrina Monroe e da política do Big Stick. A recente invasão do Panamá e a primeira intervenção norte-americana nos últimos cinquenta anos que não foi justificada por um pretenso avanço do comunismo. E o restabelecimento do direito de intervenção dos Estados Unidos nos assuntos internos de qualquer país latino-americano.

Para Adolfo Gilly, "como nunca antes, a fines de 1989, Washington tuvo los manos libres para su empresa militar. No había peligro de respuesta soviética en otro escenario ni de verdadera resistencia de un régimen dictatorial panameño cuyas cabezas estaban desde hace años corrompidas por su colaboración en las operaciones de los servicios secretos de Estados Unidos. Pero el objetivo no era cortar esas cabezas, sino destruir la independencia panameña, desarticular su Estado y sus fuerzas armadas y volver a toda la Republica de Panamá al status de una gran Zona del Canal (algo así como el proyecto de convertir a Cuba en una extensión de la base de Guantanamo y una sucursal de las finanzas y los negocios cubanos de Miami)".⁸

Na invasão do Panamá tão pouco noticiada pela imprensa brasileira, que ignora os doze meses de ocupação militar americana, os Estados Unidos utilizaram pela primeira vez o avião F-17 Stealth, fabricado em 1982 mas desde então mantido em segredo, que foi testado em um "cenário de guerra real". Os bombardeios americanos foram devastadores: "en los primeros cuatro minutos de la invasion estadounidense arrojáran sesenta y siete bombas de una tonelada cada una". Nas "primeras catorce horas posteriores a la invasion se registro la caída de 417 bombas mas otras cinco que provocaram efecto de entre 1 y 1,7 de magnitud en la escala Richter".⁹ Morreram de 3.500 a 7.000; panamenhos, 5.000 foram feridos, mais de 20.000 perderam suas casas; o custo material da invasão alcança a cifra de US\$3 bilhões.

Portanto, a "invasion estadounidense a Panamá no es una anomalia como afirman alguns críticos liberales, sino la consecuencia logica de la reafirmación de los intereses imperiales de Occidente. Fortalecidos por la expansion paeffica de la influencia occidental en el Este, las potencias capitalistas se encuentran en una posición más fuerte para reafirmar su dominación por la fuerza en el Sur".¹⁰

A invasão e ocupação do Panamá é um aviso a todos os passes que não compartilham do "sonho americano", o espectro da intervenção passa novamente a rondar a América Latina. Mesmo assim, alguns pesquisadores continuam negando a permanência do imperialismo, ou descartando-o

enquanto um dos fatores explicativos da história latino-americana. Obviamente que não é o caso de retirar do museu a velha política do antiimperialismo, da contradição principal da nação com o imperialismo, enfim, não se trata de repetir os dogmas falidos da in Internacional, mas considerar que "independência nacional y democracia son hoy condiciones simultáneas, no sucesivas, de cualquier política nacionalista de izquierda o socialista en los países latinoamericanos", ou seja, "esta llegando a su fin - no que haya concluido del todo - el ciclo del nacionalismo antiimperialista autoritario y de la idea de que un estado fuerte frente al extranjero debe ser un estado fuerte frente a sus ciudadanos .

Assim, nos anos oitenta, simultaneamente a política intervencionista estadunidense (Granada, Panamá, El Salvador, Nicarágua), a economia latino-americana ficou estagnada, interrompendo um período de crescimento contínuo de trinta anos. O pagamento da dívida externa transforma-se no principal objetivo das políticas econômicas, conduzindo a um aumento das taxas de inflação e desemprego, além de agravar as condições de vida e trabalho da população (basta recordar o aumento do deficit habitacional, da taxa de mortalidade, do analfabetismo). As tentativas de integração econômica não obtêm o resultado esperado, a produção econômica volta-se para a exportação em busca de saldos na balança comercial para amortizar e pagar o serviço da dívida externa, o parque industrial não se renova. Enfim, uma década perdida, onde o único destaque econômico foi o narcotráfico, considerado por alguns como a única multinacional com êxito na América Latina.¹²

Politicamente, nos anos oitenta assistimos ao fim das ditaduras militares. Da Guatemala ao Chile repetiu-se o mesmo ritual já conhecido há varias décadas em nossa América: a queda das ditaduras semeia esperanças de consolidação da ordem democrática, afastando o fantasma do golpe militar. O esgotamento destes regimes, na maioria das vezes, não foi devido às dificuldades econômicas, mas a um desgaste da forma de dominação, o que impulsiona a retirada dos militares do exercício direto do poder.

O padrão de acumulação capitalista não se altera com a "redemocratização" e o modelo econômico desenvolvido durante o período ditatorial quando muito é passível de pequenas modificações, mantendo como principal característica a exclusão da maioria da população dos frutos do desenvolvimento econômico. O retomo dos civis ao governo significa também o restabelecimento da ordem constitucional que manterá os privilégios da classe dominante sem o desgaste da coação da força das armas.

A crise das ditaduras e a "redemocratização" da América Latina não conduziram ao fim dos aparelhos repressivos, que, apesar da mobilização dos movimentos de defesa dos direitos humanos, permaneceram intactos, prontos para, se for o caso, entrarem novamente em operação. Os torturadores não foram julgados, seus crimes transformaram-se em "atos heróicos em defesa da pátria". Os governos civis trabalharam com afinco para virar rapidamente esta trágica página da nossa história, colocando um ponto final, impedindo qualquer possibilidade de apuração destas violações dos direitos humanos. Aos que exigiam justiça foi imputada a pecha de desestabilizadores das instituições redemocratizadas, como se fosse possível construir um Estado de Direito Democrático mantendo os aparelhos repressivos da ditadura e seus algozes em liberdade. Os militares conseguiram preservar seus privilégios, obtiveram a chancela oficial para os atos cometidos durante o regime de exceção e pavimentaram o caminho para retornar ao primeiro plano da cena política através de constituições que legitimam a intervenção militar.

A transição conservadora desenrola-se em uma conjuntura econômica adversa, acirrando as contradições de classe inerentes ao capitalismo dependente e frustrando as aspirações das classes trabalhadoras. Se a democratização incompleta é uma característica da transição conservadora, a permanência da crise econômica recoloca na ordem do dia o retorno das ditaduras militares, pois os

governos "redemocratizados" não conseguem conviver com as demandas dos dominados e atende-las. Atingido o limite da "redemocratização", no horizonte avizinha-se o restabelecimento da "ordem militar.

Assim, a luta pelo socialismo na América Latina desenvolve-se em um terreno adverso dominado pelas ditaduras ou pelas transições conservadoras. O grande desafio é a construção de projeto socialista que rompa com a tradição da esquerda latino-americana (a antiga dicotomia institucional - via armada) e que tenha efetiva *inserção* nos movimentos de massas.

Com o fim do "sores", a luta pelo socialismo na América Latina deve ser redimensionada não só pelo abandono do dogma marxista-leninista criado por Stalin, como também pela busca alternativas nacionais, com base na especificidade de cada país, elaborando uma estratégia revolucionária que tenha como ponto de partida a realidade concreta da luta de classes e não uma teoria apriorística, aistórica, que buscava um farol em Moscou, Pequim ou Tirana, para que nave da revolução aportasse em um porto seguro.

Este redimensionamento não significa sucumbir a ideologia liberal, negar o caráter de classe do Estado e os limites da democracia burguesa, mas de nada adianta vencer as eleições se no exercício do governo não são criadas novas formas de participação ao popular. Participar do processo eleitoral para simplesmente gerir com eficiência e honestidade a **res publica** nada tem de revolucionário.

O fracasso eleitoral da esquerda em toda a América Latina é uma demonstração inequívoca de que não basta ganhar as eleições e administrar a crise do Estado burguês, pois há não só desgaste, evidenciado nas eleições, como também a esquerda deixa de se transformar em um alternativa política, restando como opção a negação da ordem burguesa um socialismo de tipo "polpotiano", um caminho nada luminoso para as trevas.

Construir uma alternativa socialista, hoje, significa analisar os 45 anos de socialismo na Europa oriental e os 70 anos de socialismo na União Soviética. De nada adianta negar a crise do socialismo, pois os países do "sores" foram sempre a referência do socialismo de quase todas as tendências socialistas que, no máximo, escolhiam algum país como paradigma (Cuba, União Soviética, Albânia, Vietnã).

O socialismo latino-americano, que sempre padeceu de grandes teóricos, necessita também para sobreviver de incorporar as suas demandas políticas clássicas as problemáticas da modernidade senão estará condenado ao limbo da História.

NOTAS

- 1- Gilly, Adolfo. Panamá. E.U.y América Latina (tercera parte). **La Jornada**, 10/04/1990.
- 2- Vide "PIB" brasileiro cai 5%, prevê estudo da ONU"" . **Folha de São Paulo**, 04/07/1990"; ONU critica o plano Brady e prevê menor expansão da economia mundial". **Folha de São Paulo**, 3/7/90, "América Latina poderá perder mais uma década". **O Estado de São Paulo**, 1301/91.
- 3- Vide, entre vários exemplos, e editorial "O caminho aberto ao Brasil". **Jornal da tarde**, 02/07/1990.
- 4- Entrevista de Riordan Roett. "O Brasil chegou ao século XX". **Isto É**, (06/06/1990). A modernidade representada por Carlos Salinas de Gortari não atingiu a sociedade mexicana pois "em 1989, em los primeros meses em 1990 fueron asesinados ocho dirigentes campesinos regionales". Vide "80 personas Del sector rural, asesinados el año pasado". La

- Jornada. 15/03/1990.
- 5- **Folha de São Paulo** 28/06/1990.
 - 6- Idem.
 - 7- FRANCIS, Paulo. Medida e recuperacSo da Alianca para o Progresso. Folha de São Paulo.
 - 8- GILLY, Adolfo. Panama, E.U. y América Latina (segunda parte). La Jornada. 10/04/1990. o 9-
 - 9- "Murieron en la invasion al menos 3 mil 500 panamenos".
 - 10- PETRAS, Jámes. Aislacionismo sovietico y expansion euro- americana: de Panama a Polonia. El Galo Ilustrado. PP25/03/1990. (Semanário de El Dia).
 - 11- GILLY, Adolfo. Panamá, E.U. y América Latina. La Jornada. 13AM/1990. (Sexta parte.)
 - 12- Vale destacar o artigo do ex-presidente do Peru, Alan Garcia, onde demonstra a importância do trafico de drogas para a economia dos Estados Unidos, que movimenta US\$100 bilhões em um mercado com 25 milhões de consumidores eventuais e 10 milhões de consumidores frequentes. Ver Garcia, Alan. "El Negocio mas rentable en Estados Unidos". **Excelsior**. 15/02/1990.